

AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA

Flavia Bittencourt Rezende¹

Sandra Diniz Costa²

Resumo

Este trabalho, incluso na linha de pesquisa da Sociolinguística, apresenta uma análise comparativa da linguagem oral representada nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, especificamente uma comparação entre as falas dos personagens Chico Bento (dialecto rural) e Cebolinha (criança com rotacismo, um tipo de dislalia). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, em livros, revistas e *sites* da Internet que tratam do assunto. Os resultados mostram que as histórias de Maurício de Souza exploram bem o uso das variações linguísticas, sem julgamento nem preconceito linguístico.

Palavras-chave: Linguística. Sociolinguística. Variações dialetais. Histórias em quadrinhos.

RESUMÉN

Este trabajo, incluso en la línea de investigación de la Sociolingüística, presenta un análisis comparativo del lenguaje oral representada en las historietas de la clase de Mónica, específicamente una comparación entre las palabras de los personajes Chico Bento (dialecto rural) y Cebolitta (niño con rotacismo, tipo de dislalía). Se trata de una investigación bibliográfica, en libros, revistas y sitios de Internet que tratan el asunto. Los resultados muestran que las historias de Mauricio de Souza exploran bien el uso de las variaciones lingüísticas, sin juicio ni prejuicio lingüístico.

Palabras clave: Lingüística. Sociolingüística. Variaciones dialectales. Comics,

¹ Graduanda em Letras pela Fundação Carmelitana Mário Palmério-Fucamp, em Monte Carmelo-MG. ✉flaviabittencourt.mr@hotmail.com

² Professora ME. de Língua Portuguesa e Linguística- orientadora ✉professorasandradiniz.ufu@gmail.com

Introdução

A questão das variações linguísticas tem sido estudada por muitos pesquisadores, no sentido de auxiliar o professor de línguas a trabalhar as dificuldades comunicativas de seus alunos, e quais são caminhos a se tomar para uma prática de ensino que valorize o conhecimento da norma padrão sem desvalorizar ou discriminar as variedades linguísticas.

Assim, este estudo tem o objetivo analisar as histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, com foco nas falas dos personagens Chico Bento que utiliza um dialeto rural e Cebolinha, criança com rotacismo, um tipo de dislalia, pois são histórias utilizadas em sala de aula, que retratam o uso das variedades linguísticas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, em livros, revistas e *sites* da Internet que tratam do assunto sobre a importância de se trabalhar a diversidade linguística contida no nosso Brasil.

É uma pesquisa que se justifica, porque, diante a diversidade linguística encontrada em nossa sociedade, o ensino não se deve pautar apenas em regras e normas que extinguem o uso da língua que não seja a norma culta. Deve-se aceitar o fato de que não existe certo nem errado quando se trata de língua e, sim, situações em que cada uma pode ou não ser aceita. A pesquisa nos mostra como as histórias de Maurício de Souza exploram bem o uso das variações linguísticas, sem julgamento nem preconceito linguístico.

Os autores pesquisados foram Saussure, Eugenio Coseriu, Stella Marins Bortoni-Ricardo, Marcos Bagno entre outros que muito acrescentaram no tema do artigo. Este se divide nas seguintes seções: após esta Introdução, a segunda seção apresenta as questões relativas à linguagem, língua, fala norma e variações linguísticas. Em seguida, as histórias em quadrinhos e seu uso na escola, a fala dos personagens Chico Bento e Cebolinha e apresentam-se, em seguida, as considerações finais e as referências.

1. Linguagem, língua e fala

Chamamos de Linguagem o conjunto organizado de sinais (verbais e não- verbais) utilizados pelas pessoas para se comunicarem. SAUSSURE (1970, p. 95) define a linguagem como a capacidade de comunicação que se concretiza na (*langue*) ou código linguístico. Cada povo exerce, por meio de um código linguístico, sua capacidade de se comunicar, ou seja, utiliza um sistema de signos vocais distintos e significativos que se denomina língua ou idioma.

Podemos ter três possibilidades distintas de conceber a linguagem: a primeira concepção vê a linguagem como expressão do pensamento, a segunda concepção como instrumento de comunicação e, por fim, a linguagem como forma ou processo de interação.

A linguagem é considerada como um fato social, que vive em constante construção e que se coloca como instrumento tanto de identificação do homem quanto do saber, pois é por meio dela que o homem explicita e impõe o seu lugar no mundo.

Para Saussure (1970, p. 27) o estudo da linguagem comporta duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é o social em sua essência; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala.

Não obstante, esse autor insiste sempre na interdependência dos dois constituintes da linguagem: “[...]esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente: a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça. (SAUSSURE, 1970, p. 27)

Portanto, a língua é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, homogênea e sistemática. Compõe-se de um sistema de signos aceitos por uma comunidade linguística. A fala, ao contrário da língua, se constitui de atos individuais, e por isso, é considerada heterogênea, pertence ao indivíduo que a utiliza. Saussure classifica a fala como o “[...] lado executivo” da linguagem cuja “execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos fala.” (SAUSSURE, 1970, p. 21)

2. Eugenio Coseriu e a noção de norma linguística

Eugenio Coseriu foi o linguista romeno que deu continuidade à distinção que Saussure havia estabelecido entre língua - “*langue*” e fala - “*parole*”. Por achar insuficiente a bipartição saussuriana, propôs uma divisão tripartida entre fala (uso individual da norma), norma (uso coletivo da língua) e língua (sistema funcional).

Segundo Carvalho (1987, p. 69), a divisão de Coseriu vai do mais concreto (fala) ao mais abstrato (língua), passando por um grau intermediário: a norma. O autor denomina como norma as linguagens usadas pelos diversos grupos étnicos, sociais, profissionais que usam a língua no tempo e no espaço. A partir de Coseriu, normas linguísticas passaram a ser usadas como sinônimos de dialetos, de natureza geográfica (os regionalismos), sociais (variações diastráticas) e situacionais (níveis de formalidade da língua).

2.1 Variações linguísticas ou dialetos

Quando falamos de variações linguísticas, devemos levar em conta que vivemos em um país de dimensões continentais, que apresenta variedades geográficas e climáticas diferentes, onde habitam milhões de pessoas. O Brasil é o quarto maior país do mundo e sua pluralidade de falares não vem apenas disso, mas também da dinâmica populacional e do contato dos diversos grupos étnicos nos diferentes períodos de toda sua história.

Variedade linguística é a capacidade que Língua tem de se modelar e transformar de acordo com alguns componentes, relacionados com a história, o tempo que a língua é usada; relacionada aos grupos sociais; a região e também ao estilo, ligados a situação de uso dessa língua.

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala (BRASIL, 1998, p.29).

As variações históricas ou cronológicas são as maneiras pelas quais a língua evoluiu de acordo com o tempo. Um grande exemplo a ser utilizado é o pronome de tratamento “Você”, seu primórdio na Língua Portuguesa era “Vossa mercê”, com a evolução passou para “Vosmecê”, na atualidade se tornou “Você” e com o crescimento da tecnologia, com o uso rápido da linguagem nas redes sociais se abrevia apenas por “Vc”. Essa variação também tem a ver com a escrita, quando pegamos a palavra Farmácia, no princípio era escrita com “PH” – “Pharmácia”. Outro exemplo é a famosa Selfie, que está sendo muito utilizada no lugar de Foto que já é uma transformação atualizada da palavra Fotografia. Antigamente os povos chamavam uns aos outros para a fotografia, hoje se usa tirar uma *selfie*, palavra estrangeira já muito usada no Brasil.

As variações geográficas ou diatópicas são aquelas ocorridas de acordo com a cultura de determinada região e seus falares típicos. Segundo Bagno (2007, p.46): “[...] é aquela que se verifica na comparação entre modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, a zona rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc.”.

São marcantes em termos de pronúncia e vocabulário. Podemos citar o falar carioca, que dá ênfase à letra “s”, conhecido como o “som chiado”. Os gaúchos pela entonação do “T” por “Tch”, o falar mineiro que costuma subtrair letras e sílabas, entre outros.

Citando a diferença de vocabulário podemos citar a palavra “Aipim”, “Mandioca” e “Macaxeira”, três palavras que designam a mesma coisa, mas que mudam a seu nome conforme a região.

As variações sociais ou diastráticas relacionam-se a diversos fatores que levam em consideração a identidade dos falantes e também a organização sociocultural da comunidade de fala como, por exemplo, a idade, a classe social, sexo e contexto social.

Exemplificando o que foi dito anteriormente, conforme a idade, podemos citar os jovens que fazem o uso de um léxico particular, com presença de diversas gírias (“maneiro”, com sentido de uma avaliação positiva”, *crush*, com sentido de uma nova paixão, entre outras). A língua também varia conforme ao status socioeconômicos: um advogado fala diferente do que um ambulante.

Há também a variação entre o sexo feminino e o masculino, a mulher faz o uso frequente de diminutivos na fala, já o homem tem o linguajar mais grotesco.

Também sabemos que homens e mulheres falam de maneiras distintas. As mulheres costumam usar mais diminutivos: “Trouxe esta lembrancinha para você; é uma coisinha de nada”. Usam também mais partículas como “né?”, “ta?”, “tá bom”, que são chamadas de marcadores conversacionais e que cumprem várias funções na conversa [...]. A linguagem dos homens, por outro lado, é mais marcada pelos palavrões e gírias mais chulas (BORTONIRICARDO, 2004, p.47).

A língua também se modifica conforme o contexto e ao grupo social no qual estamos incluídos. Varia quanto ao que é adequado e ao que não é, com a língua padrão ou não padrão, formal ou não formal, coloquial ou culta. Alkmin (2011) acredita que:

[...] contexto social: é um fator muito conhecido que qualquer pessoa muda sua fala, de acordo com o(s) seu(s) interlocutor (es)- se este é mais velho ou hierarquicamente superior, por exemplo-, segundo o lugar em que se encontram um bar, em uma conferência- e até mesmo segundo o tema da conversa- fofoca, assunto científico. Ou seja, todo falante varia sua fala segundo a situação em que se encontra (ALKMIM, 2001, p. 36).

Em um grupo de amigos, podemos fazer o uso da língua coloquial, usar gírias; já em uma palestra ou em uma entrevista de emprego, é necessário o uso formal da língua. Portanto, diferencia-se nas situações ou circunstâncias de cada ocasião.

2.2. Níveis de formalidade da linguagem

Os níveis de linguagem dizem respeito ao uso tanto da fala como da escrita em uma determinada situação comunicativa. Mediante essa situação, os usuários da língua devem estar em concordância para que haja interação verbalmente do emissor e do receptor e entendimento do que está sendo dito.

Entre os níveis de linguagem temos a norma culta/padrão modalidade de linguagem utilizada em situações que exigem maior formalidade, é mais planejada e bem elaborada, obedecendo a regras e normas estabelecidas pela Gramática. Nesse nível há um cuidado maior com o vocabulário, organização das orações e dos períodos, parágrafos, etc.

Segundo Magda Soares (2000) a norma padrão:

Dialeto-padrão: também chamada norma-padrão culta, ou simplesmente norma culta, é o dialeto a que se atribui, em determinado contexto social, maior prestígio; é considerada modelo- daí a designação de padrão, de norma – segundo o qual se avaliam os demais dialetos. É o dialeto falado pelas classes sociais privilegiadas, particularmente em situações de maior formalidade, usada nos meios de comunicação de massa (jornais, noticiários de televisão, etc.), ensinado na escola, e codificado nas gramáticas escolares [...] (SOARES, 2000, p. 82-83)

Há também a linguagem coloquial, adotada em contextos informais, íntimos e familiares. Caracteriza-se pela liberdade de expressão e espontaneidade. Não existe uma preocupação com as normas estabelecidas, por esse motivo se aceita o uso de gírias e palavras que não estão no dicionário. É facilmente encontrada nas conversas entre amigos e familiares, em mensagens no WhatsApp, histórias em quadrinhos, revistas entre outros.

2.3. O preconceito linguístico

No âmbito social, muito se tem discutido sobre a palavra preconceito e sobre suas diversas manifestações - preconceito racial, social, religioso, de gênero, sexual, preconceito físico entre outros. Dentre esses, destaca-se outra modalidade, o preconceito linguístico.

Segundo Scherre (2008 *apud* Abraçado 2008, p. 12) “[...] o preconceito linguístico é mais precisamente o julgamento depreciativo, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro [...] O preconceito linguístico tem a ver, essencialmente, com a língua falada”. Ele não se manifesta com muita incidência na escrita, está aliado às práticas de oralidade, em que não há tanto monitoramento.

Marcos Bagno (2006) afirma que:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única Língua Portuguesa digna desde nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola- gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]” (BAGNO, 2006, p.40)

É justamente essa ideia que impulsiona as práticas do preconceito linguístico, tratando como certa somente a norma culta padrão da língua, desprezando as variedades linguísticas, e não enxergando as riquezas regionais e culturais que se encontram na sociedade brasileira.

No Brasil, as variedades linguísticas mais sujeitas ao preconceito linguístico são as dos grupos de pessoas da zona rural, no interior do País e aquelas com menor prestígio na escola social. De acordo com o que foi dito é preciso concordar com o que diz Marcos Bagno:

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país- que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito-, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com pior distribuição de renda em todo mundo. São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro- que são a maioria de nossa população- e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida que é a língua ensinada na escola (BAGNO, 2003, p.16).

O primeiro e o melhor lugar para se combater esse preconceito é na escola, mostrando aos alunos a importância e a necessidade de se aprender a língua padrão, sem desvalorizar as infinitas variedades linguísticas, excluindo a noção entre “certo” e “errado”, levando-os a compreender que o que existe é a utilização da língua em um contexto errado, no qual ele esteja inserido no momento, cabe a ele selecionar o uso das variantes conforme sua necessidade.

3. Histórias em quadrinhos e seu uso na escola

As histórias em quadrinhos se caracterizam por histórias breves e simples, com uma sequência linear e que muito se assemelham ao cotidiano dos leitores, basicamente formados pelo público infanto-juvenil.

Seu início foi em meados do século XIX, na Europa com as histórias de Busch e de Topffer com o primeiro herói dos quadrinhos - Menino Amarelo (Yellow Kid), desenhado por Richard Outcault e publicado semanalmente no jornal New York World.

Já no século XX, as histórias em quadrinhos consolidaram-se nos jornais e, desde então, têm-se desenvolvido bastante, circulando em gibis exclusivamente a eles dedicados e também por meios virtuais.

Segundo Cirne, (1970):

[...] os quadrinhos nasceram dentro do jornal- que abalava (e abala) a mentalidade linear dos literatos frutos da revolução industrial... e da literatura. Seu relacionamento com a televisão seria posterior- que o esquema literário que os alimentavam culturalmente seria modificado, mas não destruído. Em contradição dialética, os quadrinhos (e o cinema) apressariam o fim do romance, criando uma nova arte- tendo o consumo como fator determinante de suma permanência temporal (CIRNE, 1970, p. 45).

No Brasil, o primeiro gibi de expressão data de 1905, no Rio de Janeiro com “O Tico-tico”, que trazia em suas histórias contos, datas históricas e curiosidades. Atualmente existem diversos gibis brasileiros, destacando os gibis da Turma da Mônica de Maurício de Souza.

A linguagem das Histórias em quadrinhos é carregada de códigos verbais e não verbais, tais como: o quadro, o balão, linhas cinéticas, onomatopeias, sinais de pontuação entre outros que formam a história. Seu enredo é narrado quadro a quadro em discurso direto por meio de desenhos e textos.

Por serem populares entre crianças e jovens, as histórias em quadrinhos são muito utilizadas no ambiente escolar, nas aulas de Língua Portuguesa, pois os alunos as recebem com entusiasmo. São relevantes recursos pedagógicos, pois sua leitura permite melhorias na interpretação e na criação. Segundo Araújo, Costa e Costa (2008):

[...] os quadrinhos podem ser utilizados na educação como instrumento para a prática educativa, porque neles podemos encontrar elementos composicionais que poderiam ser bastante úteis como meio de alfabetização e leitura saudável, sem falar na presença de técnicas artísticas como enquadramento, relação entre figura e fundo entre outras, que são importantes nas Artes Visuais e que poderiam se relacionar perfeitamente com a educação, induzindo os alunos que não sabem ler e escrever a aprenderem a ler e escrever a partir de imagens, ou seja, estariam se alfabetizando visualmente (ARAÚJO; COSTA; COSTA, 2008, p. 29).

Não obstante, as histórias em quadrinhos auxiliam no hábito de leitura, por se tratar de histórias próximas ao cotidiano dos alunos e por serem altamente atrativas; nelas, os alunos encontram menos dificuldade para se concentrar, desenvolvendo a leitura.

[...] felizmente, a leitura escolar pode contar com este atrativo revolucionário: o das histórias em quadrinhos. A linguagem híbrida das histórias em quadrinhos suaviza os primeiros contatos com a leitura, sendo também igualmente interessante para leitores em diferentes níveis de letramento. Isso facilita a troca de informações e o estabelecimento de uma cultura leitora entre estudantes, que eventualmente inclui professores e bibliotecários. Os enredos possíveis, sem limitações, constroem mundos de imaginação que têm muito a ensinar aos leitores, por meio de analogias com a realidade, recriações das já consagradas lendas e mitologias presentes nas diferentes culturas, agora inseridas de elementos gráficos que ajudam a estabelecer identificação de personagens e ciclos de enredo (BARI; VERGUEIRO, 2011, p.3).

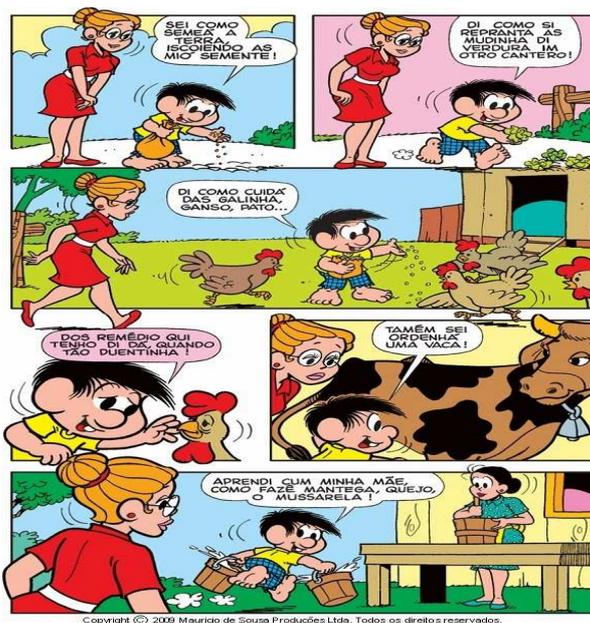
Além disso, as histórias em quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes, estimulam o pensamento crítico e abrem possibilidades para trabalhar com o uso da gramática normativa e também com a variedade linguística como, por exemplo, as variações ocorridas na fala dos personagens, Cebolinha e Chico Bento, criados pelo escritor Maurício de Souza.

4 Chico Bento e o dialeto rural brasileiro

Inspirado por um tio-avô, Chico Bento foi criado em 1961, pelo cartunista brasileiro Maurício de Souza. Chico é um típico caipira brasileiro, anda descalço, usa chapéu de palha e é morador da fictícia Vila Abobrinha, onde ajuda seus pais nos afazeres da roça.

Chico Bento, por viver na zona rural, possui em sua fala traços linguísticos pertencentes ao dialeto rural brasileiro.

Figura 1: Página com uma história de Chico Bento [1]



Fonte: <http://remtea.blogspot.com.br/2012/01/chico-bento.html>



Figura 2: Fonte: <http://remtea.blogspot.com.br/2012/01/chico-bento.html>

Nas Figuras 1 e 2, podemos observar no dialeto de Chico Bento, características que podem ser consideradas como traços marcantes de sua cultura. As palavras: “semeá”, “ischoiando”, “mió”, “cantero”, “cuidá”, “ordenhá”, são exemplos de uma fala considerada caipira, própria do interior do Brasil. Essas palavras são marcas da variedade diatópica e diastrática.

Observa-se, no dialeto rural, a não preocupação com a ortoepeia, ou seja, não há uma preocupação com a pronúncia correta das palavras. Ocorre também redução de palavras como o pronome de tratamento “você” por “ocê”, e a não concordância nominal, como por exemplo: “as mió semente”, “cuidá das galinha”.

De acordo com a linguista Bortoni- Ricardo (2004), uma das particularidades desses falantes é a troca do /l/ por /r/, explicito nas palavras “repranta-replantar” e “prantando-plantando”, muito comum no dialeto rural. Esse fenômeno se denomina rotacismo.

Nota-se a metátese – fenômeno fonético que consiste na transposição de fonemas ou sílabas dentro de uma mesma palavra. “Casos de metátese do /r/ e, mais raramente, do /s/ são mais comuns no caipira” (BORTONI-RICARDO, 2011, p.81). São encontradas nas palavras: “percisá- precisar”, “tauba-tábua” entre outros.

Ocorre também a síncope, que é a subtração de sons no meio da palavra: “manteiga-mateiga”, “quejo-queijo” e a Apócofe, subtração de sons no final da palavra: “ordenhá-ordenhar”, “semeá-semear”.

Outra descrição desse falar é a redução das vogais das sílabas postônicas médias, como nas palavras: “árvore-arvre”, “chacrá-chácara”.

Essas, entre outras variantes, são marcas típicas do linguajar do interior. Chico Bento aparece como estereótipo do caipira e suas histórias em quadrinhos servem para ensinar a cultura e o modo de falar das pessoas que moram na zona rural.

Para Bortoni-Ricardo (2004, p.46),

Chico Bento pode se transformar, em nossas salas de aula, em um símbolo do multiculturalismo que ali deve ser cultivado. Suas histórias são também ótimo recurso para despertarmos em nossos alunos a consciência da diversidade Sociolinguística”, fazendo com que o aluno adote uma postura respeitosa para com a variação linguística e a pluralidade cultural do Brasil (BORTONIRICARDO,2004, p. 46).

5. Cebolinha e o falar da criança com rotacismo

Criado em 1960, o personagem da Turma da Mônica, Cebolinha, foi criado, assim como o personagem Chico Bento, pelo cartunista brasileiro Maurício de Souza. Cebolinha é conhecido por o garoto que fala errado, por trocar o /r/ pelo /l/, foi inspirado em um garoto conhecido como Cebola que também fazia essa troca e morava em Mogi das Cruzes, cidade onde Maurício passou boa parte de sua vida e onde criou a Turma da Mônica.

Figura 3. Fonte: <http://promaluzinha.blogspot.com.br/2011/05/atividades-com-tirinhas.html>



Nota-se na fala do Cebolinha a troca do /r/ pelo /l/, como no segundo quadrinho nas palavras: “plato” e “queblado”, esse fenômeno é conhecido com rotacismo , um tipo de Dislalia Funcional.

Dislalia é um distúrbio que acontece na fala, na articulação dos fonemas caracterizado pela má formação das palavras. Consiste na incapacidade de pronunciar de forma correta determinados fonemas devido a problemas nos órgãos do aparelho fonoarticulatório.

O uso de chupetas ou mamadeiras por crianças em longo prazo, assim como crianças que chupam dedo ou mamam pouco tempo no seio materno, podem ocasionar a dislalia, pois essas crianças passam a apresentar flacidez muscular e postura indevida da língua. Outros

fatores são línguas hipotônicas (flácidas), podendo alterar a arcada dentária, ou então, falhas na pronúncia de determinados fonemas.

A dislalia está dividida em quatro tipos: Dislalia evolutiva: é um tipo considerado normal em crianças, sendo corrigida conforme sua evolução e desenvolvimento. Dislalia Funcional: neste caso, ocorre a substituição de letras na palavra, não pronunciar o som, acrescentar letras nas palavras ou distorcer o som, que é o caso do personagem Cebolinha. Esse tipo de dislalia afeta, principalmente, os fonemas como: /r/, /k/, /l/, /s/, /z/, ou /ch/. Outro tipo é a Dislalia Audiógena: que ocorre em deficientes auditivos que não conseguem imitar os sons. E, por fim, a Dislalia Orgânica: ocorre em casos de lesão no encéfalo, quando há alteração na boca impossibilitando à pronúncia correta das palavras.

Alguns exemplos da Dislalia funcional são: a substituição troca um som por outro, podendo aparecer no início, no meio ou no final da palavra, como por exemplo, “rato-tato”, “barata-balata”. A omissão, não pronuncia alguns sons, “rato-ato”, “tomei-omei”. A inserção consiste na inclusão de uma vogal no meio da palavra, “prato-parato”, “três-terés”. A distorção é a pronúncia parecida, mas não exata da correta e, por fim, a Inversão que implica a troca de sílabas de uma palavra, “chocolate-cocholate”.

Um dos meios de perceber e até mesmo prevenir é levando a criança com dislalia à fonoaudióloga, ou para que faça exames auditivos e oftalmológicos. Tanto na escola como no cotidiano em sua casa, o professor e a família devem pronunciar bem as palavras, para que a criança perceba todos os fonemas. Ao perceber alterações, é necessário evitar criar constrangimentos para que não haja traumas.

Por esse motivo, é de suma importância o uso das histórias em quadrinhos do Cebolinha, não apenas para o trabalho com o uso correto ou incorreto da língua, mas para o aprendizado sobre a dislalia, pois elas ajudam as crianças que falam dessa maneira a não se sentirem constrangidas e até mesmo a crianças que não conhecem a causa, a perceber e não cometer preconceito linguístico.

Considerações finais

Sabendo da necessidade de se trabalhar a heterogeneidade da língua, a importância da diversidade, pluralidade linguística e também do problemático preconceito linguístico no espaço escolar, este artigo pautou-se no uso das histórias em quadrinhos, levando em ênfase as histórias do Chico Bento e Cebolinha para retratar esses conceitos.

As histórias em quadrinhos apresentam-se como poderoso instrumento de ensino por auxiliarem no desenvolvimento do hábito de leitura do aluno; por ampliarem seu vocabulário; fazer com que o aluno utilize a criatividade e imaginação; e pode ser utilizada em qualquer nível escolar. Por meio delas, cabe ao professor a explicação do modelo padrão culto sem desvalorizar os variantes linguísticos presentes no Brasil.

Além de divertir e entreter os leitores, suas histórias levam o aluno a refletir e adotar uma postura de respeito mediante a variação linguística e diversidade cultural, retratados com excelência nas histórias de Maurício de Souza, com os personagens Chico Bento e o Cebolinha, tratando-se do dialeto rural e do rotacismo um tipo de dislalia.

Por intermédio delas, os alunos percebem que não há “certo” e “errado” quando se trata de língua e que existem fatores externos como região, sexo, contexto social, grau de escolarização que se aplicam na fala.

Portanto este artigo propõe o uso dessas histórias a fim de mostrar aos alunos o caráter heterogêneo da língua, retratos sem preconceito linguístico nas falas dos personagens Chico Bento e Cebolinha.

Referências

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14.724, de 17.03.2011**. Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Válida a partir de 17.04.2011. Rio de Janeiro, 2011.

ABRAÇADO, Jussara. Entrevista com Maria Marta Pereira Scherre sobre preconceito Linguístico, variação linguística e ensino. **Caderno de Letras da UFF- Dossiê: Preconceito Linguístico e cânone literário**, nº36, p. 11-26, 1 sem. 2008.

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs.)

Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____ **O preconceito linguístico**. O que é e como se faz. São Paulo: Loyola, 2016.

_____ **A língua de Eulália**. São Paulo: Contexto. 2016.

BARI, Valéria Aparecida.; VERGUEIRO, Waldomiro. **Emoção e Rebeldia: formação de Gibiteca na biblioteca escolar**. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, Maceió, Alagoas 07 a 10 de Agosto de 2011 Disponível em:

<www.febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/.../552/689>. Acesso em ago. 2017.

_____ ; VERGUEIRO, Waldomiro. As histórias em quadrinhos para a formação de leitores ecléticos: algumas reflexões com base em depoimentos de universitários.

Comunicação e Educação, ano 12, n. 1, p.15-27, janeiro 2007.

BECHARA, Evanildo. **Ensino de gramática: opressão? Liberdade?** São Paulo: Ática, 1985

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.

_____ Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**, Rio de Janeiro: Presença, 1987.

CIRNE, Moacy. **A explosão criativa dos quadrinhos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.

COSTA, Sandra Diniz. **Linguística aplicada ao ensino de línguas** Monte Carmelo: Fucamp, 2016.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KATO, M. **No mundo da escrita: uma perspectiva sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1993.

MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1975- 7.ed.

SCHERRE, Marta. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro de Letras**, V. 04, p.01-32, junho, 2012.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola uma perspectiva social.** 17. ed. São Paulo: Ática, 2000.

Sites consultados

http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem01pdf/sm01ss07_07.pdf. Acesso em Agosto de 2017.

<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/SONIA%20TANINO.pdf>. Acesso em Agosto de 2017.

<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/3896/1/TCC.pdf>. Acesso em Setembro de 2017.

https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/graduacao/letras/2009/adgarcia.pdf.
Acesso em setembro de 2017.

<http://www.clubedafala.com.br/fonoaudiologia/dislalia-troca-de-letras/>. Acesso em Setembro de 2017.

<http://www.infoescola.com/doencas/dislalia/>. Acesso em Setembro de 2017.